

## ORLANDO CALIMAN



*Nossa capacidade de ingerência sobre a vertente internacional é nula. Sobra para nós fazer torcida para que a economia chinesa pare de cair*

### Enfrentamento da crise

O Espírito Santo é um Estado que pelas suas características geográficas, dimensão do seu mercado interno e especializações econômicas já consolidadas tem a sua dinâmica de crescimento econômico vinculada fortemente ao que acontece fora do seu território. De um lado o mercado internacional, que define o desempenho das empresas exportadoras, predominantemente fornecedoras de commodities. De outro, o parque produtivo voltado para o mercado interno, que vende a grande maioria da sua produção principalmente para Estados vizinhos.

Isso lhe confere também a compulsória necessidade de ajustar suas políticas de incentivos ao setor privado e de investimentos em infraestrutura, sejam eles públicos ou privados, ou mesmo em parcerias, e também outras políticas públicas – educação, ciência e tecnologia etc. – no sentido de aprimorar de forma crescente e continuada a sua competitividade.

É essa competitividade que lhe as-

segurará o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável no futuro, fórmula que traduzida em resultados mais amplos implicará em incrementos também continuados de produtividade de toda a economia. Isso é, mais riqueza nova apropriada por unidade de recurso humano utilizado – produtividade do trabalho – e também por unidade de capital investido – retorno dos investimentos. No conjunto, estamos falando de eficiência geral do sistema, mais emprego e renda. Em suma, mais qualidade de vida.

O ideal seria termos as duas fontes de dinamismo caminhando na mesma direção. Ou seja, a economia mundial crescendo de forma firme, e em especial aquelas economias com as quais o Espírito Santo mantém fortes ligações comerciais, e o mercado interno brasileiro também se expandindo e abrindo novas oportunidades de negócios e investimentos. Estamos nos referindo ao caso de situação ótima, que, aliás, podemos afirmar que chegamos a alcançar esse estágio por alguns anos, até a crise de 2008. Nesse período, a economia brasileira cresceu a taxas razoavelmente altas para o histórico anterior, e a economia capixaba com sua performance bem acima da média na-

cional. Mas contou mais pontos, no caso da economia local, sem dúvida, a exuberância do mercado de commodities, pela quantidade exportada.

No meu artigo da semana passada, chamei a atenção para o fato de a crise internacional se alongar por um período maior do que o esperado, expondo ainda mais as fragilidades das economias europeias e americana e provocando um processo de reposicionamento das economias emergentes como China, Índia, Brasil e outras. Essas últimas, com alinhamento de estratégias que reforçam os seus respectivos mercados internos. Admitindo-se esse cenário, o exercício que devemos fazer, pensando especificamente no Espírito Santo, é avaliar seus prováveis impactos sobre a economia, e a partir disso desenhar estratégias de po-

—  
**O ideal seria termos a economia mundial crescendo de forma firme, e em especial aquelas economias com as quais o Estado mantém fortes ligações**

sicionamento/reposicionamento de curto, médio e longos prazos.

Nessa linha de raciocínio, nossa capacidade de ingerência sobre a vertente internacional da demanda é nula. Sobra para nós, brasileiros e capixabas, fazer torcida para que a economia chinesa pare de cair, e as economias da Europa e Estados Unidos comecem a dar sinais de vida, e vida nova. Já no caso da vertente interna, é plausível admitir-se que medidas mais assertivas aconteçam no sentido de reanimar a economia. É nessa vertente que o Espírito Santo pode encontrar espaço para, no limite inferior, equilibrar o jogo. E o segredo, que, aliás, nem é segredo, é encontrar a forma ou fórmula de tornar nossa economia mais competitiva perante os demais Estados.

Tornando a economia capixaba mais competitiva internamente – para atender ao mercado interno – a credencia a colher bons frutos também no mercado externo. Para isso temos que gerar nossos diferenciais, especialmente aqueles de natureza sistêmica e de amplo acesso, como a infraestrutura/logística de integração, a educação e demais serviços públicos básicos. Devemos também dar atenção especial aos nossos arranjos produtivos com melhor capacidade de resposta a programas de incentivos.